

Este artigo foi recebido em setembro de 2025 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em outubro de 2025.

## A SOMBRA DA IMAGEM E A LUZ DO AFETO: A DUALIDADE DA VERDADE NA FENOMENOLOGIA DE MICHEL HENRY

### *THE SHADOW OF THE IMAGE AND THE LIGHT OF AFFECT: THE DUALITY OF TRUTH IN MICHEL HENRY'S PHENOMENOLOGY*

#### **Rafael Fogaça**

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Vale do Rio do Sinos – Unisinos e mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades EST. Sua pesquisa de mestrado financiada pela CAPES, intitulada “A manifestação de Deus na perspectiva da fenomenologia da Vida de Michel Henry no filme O sétimo selo de Ingmar Bergman” explora a intersecção entre a teologia a filosofia e a arte. Seus interesses de pesquisa incluem teologia, filosofia, direito e arte.

E-MAIL: [rafogaca2@gmail.com](mailto:rafogaca2@gmail.com)

#### **Marcelo Ramos Saldanha**

Bacharel em Teologia. Licenciado em Artes Visuais, Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades EST. Doutor em Filosofia pela Universidade da Beira Interior, em Portugal.

**E-MAIL:** marcelo.saldanha@est.edu.br

## Resumo:

O artigo, fundamentado na filosofia de Michel Henry, discute a dualidade da verdade. A primeira, a "verdade do mundo", manifesta-se no plano de luz onde os fenômenos se revelam na exterioridade, sendo percebida através da experiência humana. No entanto, a verdade desse mundo é contingente e temporal, e seu aparecimento é apenas uma imagem que se esvai continuamente para o nada. A segunda, a "verdade da Vida", é uma categoria de verdade pura e absoluta que se autorrevela, sendo identificada com a manifestação de Deus. O texto argumenta que, diferentemente da busca tradicional por Deus na exterioridade do mundo, a sua manifestação só pode ser percebida na interioridade da Vida, através do sentir e do afeto. Conclui-se que o amor é a própria revelação de Deus, acessível na fruição da vida.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Verdade. Mundo. Vida. Michel Henry.

## Abstract:

Based on the philosophy of Michel Henry, the article discusses the duality of truth. The first, the "truth of the world," is revealed in the plane of light where phenomena manifest in their exteriority, being perceived through human experience. However, this truth is contingent and temporal, and its appearance is merely an image that continuously fades into nothingness. The second, the "truth of Life," is a category of pure and absolute truth that reveals itself and is identified with the manifestation of God. The text argues that, unlike the traditional search for God in the exteriority of the world, His manifestation can only be perceived in the

interiority of Life, through feeling and affect. It is concluded that love is the very revelation of God, which is accessible through the enjoyment of life.

**Keywords:** Phenomenology. Truth. World. Life. Michel Henry.

## Introdução

Quid est veritas? Indagou Pilatos a Jesus, buscando compreender a semântica contida no termo. A busca pelo entendimento da verdade é uma empreitada desenvolvida ao longo dos tempos. Pode-se afirmar que o ser humano persegue esse entendimento praticamente desde sua tomada inicial de consciência. No entanto, antes de compreender o que é verdade, torna-se necessário realizar uma taxonomia das verdades.

Neste artigo, apresentamos a questão da verdade sob a perspectiva da fenomenologia de Michel Henry, fazendo uma distinção entre a "verdade do mundo" e a "verdade da Vida". A "verdade do mundo" é aquela que se revela na exterioridade, no plano de luz onde os fenômenos se manifestam. Já a "verdade da Vida" é uma fenomenalidade absoluta, que se autorrevela. O trabalho explora como a busca pela manifestação apenas no horizonte mundo, seja pela filosofia ou teologia, acaba limitando essa manifestação ao plano da exterioridade, onde tudo que se mostra, na verdade, desaparece. Diante disso, o artigo questiona se a manifestação de Deus deve ser buscada no mundo.

Com base na filosofia de Michel Henry, a pesquisa propõe que a manifestação de Deus não pode ser captada pela razão ou pela percepção sensorial, uma vez que se daria na interioridade, no plano da imanência do sentir. O texto argumenta que essa manifestação de Deus como a Verdade da Vida ocorre no afeto (Pathos, paixões, prazer, sofrimento, etc.), que se revela como a própria essência de Deus. A pesquisa, portanto, busca compreender como a "verdade do mundo" e a "verdade da Vida" coexistem, e de que forma a manifestação de Deus pode ser percebida pelo ser humano através do sentimento, em especial do amor.

## A pergunta sobre a verdade

Michel Henry, no livro *Eu sou a verdade*, a primeira obra de sua trilogia sobre o Cristianismo, fala da dualidade do aparecer, distinguindo a manifestação da Vida em si mesma (imanência) do aparecimento dos objetos no mundo (transcendência). A partir desses dois modos de fenomenalidade, Henry fala sobre duas formas de verdade: a verdade do mundo e a verdade segundo o Cristianismo, ou da Vida (HENRY, 2015, p. 23). No conceito de verdade do mundo, a verdade se manifesta de duas formas possíveis. A primeira é contingente, na qual o ser humano, a partir de suas experiências mais diretas, a percebe; por exemplo, alguém afirmar que um trem se move para frente, quando, na realidade, o trem poderia perfeitamente mover-se também para trás. Somente a partir da experiência daquele indivíduo é possível afirmar tal verdade: de que, naquele momento, o trem anda para frente e não para trás.

A segunda forma é a necessária, revelando-se aprioristicamente, sem que haja necessidade de experiência ou prática. Um exemplo dessa espécie de verdade é a água correr rio abaixo desde sua nascente. Não há possibilidade de o rio fluir de sua foz para a nascente. Entretanto, não obstante essas classificações, a verdade se mostra, e é justamente nesse aparecimento que reside sua veracidade. “É este aparecimento enquanto tal, é o fato de se mostrar que constitui a ‘verdade’” (HENRY, 2015, p. 23). Dessa maneira, independentemente da forma que a verdade assume (contingente ou necessária), o fato de aparecer, de se fenomenalizar, é o que lhe confere o sentido de verdadeiro.

E como esse sentido de verdadeiro se dá no aparecer da verdade, na sua fenomenologização? Isso ocorre no mundo, entendido não como o conjunto das coisas, mas como o plano de luz onde as coisas se apresentam enquanto fenômenos. Não é o mundo em si que confere certeza de veracidade ao fenômeno, mas a própria verdade. Assim, “os fenômenos do mundo são as próprias coisas enquanto se mostram no mundo, o qual é sua própria ‘mostração’, seu aparecimento, sua manifestação, sua revelação” (HENRY, 2015, p. 26).

Michel Henry explica que fenômeno, *phainomenon*, em grego, deriva do verbo *phainesthai*, que está na raiz de *phapôs*, significando luz. *Phainesthai* quer dizer mostrar-se, vir à luz. Fenômeno, portanto, é aquilo que se mostra vindo à luz do dia (HENRY, 2015, p. 25). Na fenomenologização das coisas no mundo, o aparecimento é indiferente ao que se mostra, seja o trem andando para frente ou o rio desaguando no mar, uma vez que a essência da

verdade está no aparecer. No entanto, ao ser humano é dado, pela consciência, o ato de captar a manifestação, a fenomenologização da natureza verdadeira. A consciência é o mecanismo humano de percepção, de colocar diante de si o fenômeno, o que é verdadeiro. “O fato de ser posto diante de é também o fato de ser posto lá fora. O ‘lá fora’ é o mundo. Dizemos: ‘a verdade do mundo’. (...) É o mundo, é o ‘lá fora’ que é a manifestação, a consciência, a verdade” (HENRY, 2015, p. 27).

O que é verdadeiro na verdade do mundo não depende dessa verdade; não há necessidade de justificar o fenômeno, não importando que sua mostração seja compreendida ou não pelo ser humano. A verdade do mundo se mostra no mundo, no “lá fora”, pois ela mesma é o mundo, o “lá fora”. Nesse sentido, é importante perceber o desdobramento do conceito de verdade: entre o que se mostra verdadeiro e a verdade em si. Henry enfatiza que não há dependência entre o que é verdadeiro na verdade do mundo e o que é verdade. A verdade do mundo não justifica nem é a razão daquilo que fenomenaliza, posto que o mostrar-se nela é ser.

O “lá fora”, entretanto, não é algo estanque ou fixo, como se já estivesse dado. O mundo é um horizonte em movimento, que continua a tomar forma, onde o ser humano se coloca “em face de” uma produção fenomenológica. Esse “em face de” um fenômeno se dá pela imagem. A produção imagética do fenômeno (da aparição, da mostração) se dá na consciência, o que Henry denomina imaginação. Por isso, afirmou Henry (2015, p. 29) que “a

‘verdade do mundo’ não é nada além disso: essa autoprodução do ‘lá fora’ como horizonte de visibilidade, no qual e pelo qual tudo pode tornar-se visível, e desse fenômeno para nós”.

O “lá fora”, o mundo onde a verdade se exterioriza, também é conhecido como o tempo. “Mas o que é o tempo? (...) A temporalidade é a exterioridade original em si e para si” (HENRY, 2011, p. 03). Segundo Henry, tempo e mundo são idênticos, mostrando e exteriorizando a fenomenologização dos fenômenos. Contudo, o tempo deve ser considerado sob dois aspectos: um, em si mesmo, como a formação do mundo, como função imagética que nos permite percebê-lo; e outro, na experiência constante que se tem dele — passado, presente e futuro — mostrando-se temporal tudo que é exteriorizado e nos é dado a perceber.

No tempo, as coisas veem à aparência, mas, na medida que esse aparecimento consiste na ida ao lá fora, as coisas não surgem na luz desse “fora” senão arrancadas de si mesmas, esvaziadas do seu ser, já mortas. É porque seu poder de tornar manifesto reside no “fora de si” que o tempo aniquila tudo que exhibe. Mas o modo de tornar manifesto do tempo e o do mundo. É o modo de fazer ver do mundo, é a verdade do mundo que destrói (HENRY, 2015, p. 31).

Sendo assim, a verdade do mundo, como o tempo, faz o aparecer, sendo ela mesma a lei do aparecimento. Esse aparecimento nunca é da coisa em si, mas de sua imagem, que, como o próprio aparecimento, cessa e desaparece continuamente. Ou seja, o que aparece nunca é algo corpóreo, uma coisa em si, mas a representação dessa coisa. Com isso, compreende-se o tempo como um deslizamento para o nada. Não há, portanto, um presente

fixo, pois, quando da fenomenologização do fenômeno no tempo, este se dá e se extingue, deslizando para outro momento temporal — futuro ou passado.

A verdade do mundo, portanto, é aquilo que nos é dado a perceber: que o trem se move para frente ou para trás, que as águas de um rio correm da nascente à foz, que um homem furta um cadáver ou que uma mulher se ajoelha em oração — entre tantas outras verdades corriqueiras. Tudo isso ocorre em razão da imagem que esses fenômenos projetam no tempo. O deslizamento imagético temporal confere ao “lá fora” essa produção de verdade: a verdade do mundo, que só se realiza em si mesma, no próprio mundo que a projeta, independente de justificação. O verdadeiro, nesse contexto, não requer validação nem compreensão — ele simplesmente se fenomenaliza, se mostra, se revela.

Assim, a “verdade do mundo” se manifesta no horizonte da visibilidade e da representação, fruto da redução galileana e do monismo ontológico que moldam o pensamento ocidental (WONDRACEK, 2010). Considerando que a fenomenalização do fenômeno se dá no mundo por meio da imagem, e que tudo o que é exteriorizado é temporal, bem como reconhecendo que a busca humana pela verdade é uma empreitada antiga e nem sempre bem-sucedida, surge a questão: seria no mundo que a manifestação de Deus, enquanto verdade, deve ser observada?

De modo geral, a busca pela manifestação de Deus, ou pelo seu entendimento, tem sua territorialização de pesquisa no mundo. A filosofia, desde a fenomenologia clássica,

busca entender e conceituar os fenômenos que se dão no horizonte de aparecimento, no “diante de si”, no mundo. Assim, a manifestação de Deus é entendida pela fenomenologia como um possível fenômeno, tendo seu campo delimitado pelo espaço de fenomenalização, identificado como aquele onde os fenômenos se fenomenalizam: o mundo. Com a teologia cristã, não é diferente. O campo de manifestação dos fenômenos descritos na Bíblia é o mundo dos viventes, de onde a teologia deita sua investigação, a fim de exprimir sentido e oferecer explicação para eles, possibilitando uma melhor compreensão da manifestação de Deus.

Mas o que ambas ignoram é que a Verdade da Vida (que é Deus) é irreduzível à verdade do mundo e, por isso, não se revela nele. Há uma radical irreduzibilidade fenomenológica entre esses dois modos de aparecer, de modo que o horizonte de luz, onde as coisas se mostram como fenômenos, fala mais de uma irrealidade do que de Deus.

## Que verdade? Que Vida?

Enquanto a verdade do mundo é aquela que se fenomenaliza no horizonte de aparecimento das coisas, no plano de luz onde os fenômenos se revelam, ou seja, no mundo, a verdade da Vida é uma verdade fenomenológica em seu sentido absoluto, pura e autossuficiente, sendo ela própria a fenomenalidade do fenômeno, revelando-se a si mesma.

A verdade da Vida, portanto, é diametralmente distinta da verdade fenomenologizada no mundo. A verdade do mundo, no sentido fenomenológico, é

verdadeira na medida em que revela algo; entretanto, essa revelação ocorre na exterioridade, no “lá fora”. Já a verdade da Vida constitui uma manifestação fenomenológica em seu sentido absoluto, não dependendo de um horizonte externo para se mostrar. É a partir dessa concepção de verdade que buscamos fundamentar a manifestação de Deus e compreender a futilidade da busca de Antonius Block pela mostração de Deus no mundo.

Michel Henry esclarece que a palavra Vida, com inicial maiúscula, remete à vida de Deus, enquanto a forma minúscula, vida, se refere à existência biológica (HENRY, 2015, p. 45). A verdade do mundo se manifesta no horizonte de aparecimento das coisas, no plano de luz onde os fenômenos se revelam. Ela comporta verdades contingentes, perceptíveis a partir da experiência humana. Um exemplo é o fenômeno de uma porta que se abre: a compreensão de que a porta está abrindo constitui uma verdade contingente, pois a mesma porta poderia também fechar, o que, naquele momento, não ocorreu.

Além das verdades contingentes, a verdade do mundo inclui também as verdades necessárias, que independem da compreensão humana. Essas verdades se fenomenalizam no mundo sem depender do ser humano para serem percebidas. Por exemplo, o crescimento de uma árvore — seja vertical ou lateral — é um fenômeno que ocorre no mundo de forma independente do entendimento humano.

O que é verdadeiro na verdade do mundo não depende em absoluto dessa verdade, não é sustentado por ela, guardado por ela, amado por ela, salvo por ela. A verdade do mundo – isto é, o próprio mundo – não contém jamais a justificação ou a razão daquilo que ela permite mostrar-se nela e assim “ser” – na medida em que ser é mostrar-se (HENRY, 2015. p. 28).

A verdade do mundo se fenomenaliza independentemente da percepção humana, mas a consciência permite ao ser humano captar sua manifestação no “lá fora”, onde o fenômeno se mostra e se torna visível como verdade (HENRY, 2015). Por sua vez, a verdade da Vida é diametralmente distinta da verdade fenomenologizada no mundo. A verdade do mundo, no sentido fenomenológico, é verdadeira na medida em que revela algo, embora essa revelação ocorra no mundo exterior, no “lá fora”. Já a verdade da Vida constitui uma verdade fenomenológica em seu sentido absoluto e puro, sendo ela própria a fenomenalidade do fenômeno, revelando-se a si mesma.

Ela (verdade) concerne conseqüentemente não ao que se mostra, mas ao fato de se mostrar; não ao que parece, mas ao modo de aparecer; não ao que se manifesta, mas a manifestação pura, a ela mesma e enquanto tal. Ou como se pode dizer ainda, não ao fenômeno, mas a fenomenalidade (HENRY, 2015, p. 39-40).

A verdade da Vida, diferente da verdade do mundo, não fenomenaliza nada que não seja ela própria. Não há um poder fenomenalizador anterior que lhe conceda a capacidade de manifestar-se; ela se auto-fenomenaliza em sentido absoluto. Trata-se da fenomenalização da fenomenalidade, e não do fenômeno, que surge apenas como efeito ou consequência. Enquanto a verdade do mundo fenomenaliza a verdade fora de si, a verdade da Vida fenomenaliza a si mesma, sem haver diferença entre o que é fenomenalizado e ela própria. Não existe separação entre fenômeno e fenomenalidade. Em outras palavras, “o que

se manifesta é a própria manifestação. O que se revela é a própria revelação, uma revelação da revelação, uma autorrevelação da sua fulguração original imediata” (HENRY, 2015, p. 41).

Sendo, portanto, a verdade da Vida uma categoria de verdade que se autorrevela, revelando nada além de si mesma, pode-se considerá-la também como o sentido primário de tudo, comumente identificado como Deus. Partindo da filosofia do cristianismo proposta por Henry, não há dúvidas: Deus é aquele que se revela em pureza, não revelando nada além de si próprio em autorevelação. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo. 14:6).

Deus revela-se em um sentido fenomenológico puro e absoluto, inacessível à percepção humana limitada. Se fosse perceptível pelo ser humano, essa manifestação seria apenas uma verdade do mundo, observável e fenomenalizada externamente. No entanto, não é o caso: a verdade da Vida permanece em autorevelação absoluta, independentemente da capacidade humana de perceber.

Deus é esta autorrevelação absoluta, é esta pura Revelação que a si mesmo se revela, não carecendo do quer que seja fora da sua própria substância fenomenológica. Revelar-se aos homens significa, em Deus, a dádiva da sua eterna autorrevelação. Mas esta fenomenalização da fenomenalidade pura não pode ser vista. A originária e imediata auto fenomenalização, a que designamos Deus, não se dá na exterioridade, diante do nosso olhar, em que se constitui a visibilidade de tudo o que é como ser visto, mas dá-se na interioridade de uma fenomenalidade própria, cujo acesso só é possível de se verificar onde se produzir essa autorrevelação (DIMAS, 2014, p. 80).

Entretanto, como o ser humano pode perceber ou pensar em Deus, considerando que toda percepção ou pensamento ocorre dentro das possibilidades do mundo? Ou como questiona o próprio Henry, “onde se cumpre uma autorrevelação assim? A resposta

pungente que se apresenta é: na Vida. A Vida como a essência pura dela mesma. Na Vida onde se fenomenaliza a revelação, a autorrevelação de Deus que não é tributária da verdade do mundo. “Deus é Vida, ele é a essência da Vida, ou, se preferirmos, a essência da Vida é Deus” (HENRY, 2015, p. 45).

A Vida é a essência ou a matéria primordial de toda a manifestação originária. A Vida é a carne viva na qual acontece a impressão. O fenômeno da Vida é a manifestação da Vida em sua auto-afeção interior, sem o espaço gerado pela distância intencional entre um objeto e um sujeito que o pensamento exige (DIMAS, 2014, p. 81).

Nesse sentido, diante da impossibilidade da inferência de Deus pela razão, ou seja, na fenomenologização da verdade na exterioridade, Michel Henry aponta que a manifestação da Vida, a percepção de Deus, só se dá na imanência de um sentir. Isto é, a fenomenologização da Verdade de Deus só se dá na interioridade do sentir. Assim, Deus é percebido não pela razão, mas pelo afeto, pelo sentir, sendo que é no sentimento que a prova da Vida se manifesta.

Viver não é possível no mundo. Viver só é possível fora do mundo, ali onde reina outra Verdade, outro modo de revelar. Este modo de revelar é o da Vida. A vida não lança para fora o que ela revela: o que tem em si e o retém num estreitamento tão estreito, que o que ela retém e revela é ela mesma. (...) Ela mesma se experimenta – ser ela mesma, por conseguinte, o que experimenta e o que é experimentado (HENRY, 2015, p. 48).

Aqui, é importante distinguir sentimento e afeto. O afeto é a experiência primordial da Vida, o modo como ela se manifesta a si mesma. Trata-se de uma experiência de passividade, de ser afetado pela própria Vida. É o afeto que nos impulsiona a sentir e a viver.

Já o sentimento é uma experiência secundária que emerge a partir do afeto: uma experiência de reflexividade, por meio da qual nos tornamos conscientes do nosso próprio afeto.

Essa experimentação da Vida por ela mesma só é possível no seio de uma substância patética pura, de onde o sentimento brota, lá onde a fenomenalização ocorre na interioridade do sentir. Essa fenomenalização da Vida manifesta-se como auto fruição da essência da própria Vida e, por conseguinte, de Deus. Seguindo esse pressuposto, é possível intuir que não existem vidas, mas uma única Vida, que é a vida dos humanos e de Deus. Essa Vida é invisível aos sentidos humanos, pois, se fosse perceptível, seria uma verdade do mundo; é, contudo, perceptível pelo sentido patético do sentir — sentir no sentido lato do termo, como fruir e sofrer —, experimentável apenas no interior da própria Vida. “A fruição (...) é uma matéria fenomenológica homogênea, uma carne afetiva monolítica cuja fenomenalidade é a afetividade como tal” (HENRY, 2015, p. 49).

Assim, segundo Henry, a verdade da Vida, ou de Deus, só pode manifestar-se em si mesma, na fruição da Vida que se autorrevela e dá prova de si. Sendo a autorrevelação uma auto fruição, ela constitui a essência do viver. Deus, enquanto Vida, pode ser percebido pelo ser humano por meio do afeto, na fruição da própria vida. “A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens” (Jo. 1.1:4). A “luz da humanidade” referida no versículo é a fruição da Vida (o sentimento na carne), esse sentimento primordial que a Vida nos dá ao dar-se a si mesma e experimentar-se em sua passividade radical.

Esse sentimento patético não é outro senão o amor, o sentimento primeiro da Vida, de Deus. Afinal, “quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1 Jo. 4:8). Sendo o amor a premissa primeira de Deus, segundo o Evangelho de João, e o caminho para conhecê-lo, o sentimento do amor revela-se como o próprio Deus em revelação — a manifestação mesma do Criador.

Deus é Amor. O Amor não é senão a autorrevelação de Deus compreendida na essência fenomenológica patética, a saber a auto fruição da Vida absoluta. Aí está porque o Amor de Deus é o amor infinito com que ele se ama eternamente a si mesmo, e porque a revelação de Deus é este Amor (HENRY, 2015, p. 49-50).

É, portanto, na afetação primeira do amor que se torna possível afirmar que Deus se manifesta na Vida, sendo perceptível ao ser humano na fruição de sua própria Vida. Na Vida que é sua — de cada vivente e de Deus —, pois cada ipseidade é doada na auto doação da Vida absoluta. É na essência do viver, na fruição e na dor da Vida, na afetação, especialmente no amor, que o ser humano pode perceber sublimemente a manifestação de Deus, da própria Vida.

## Conclusão

A análise da Dualidade do Aparecer, proposta por Michel Henry, estabelece que a busca pela manifestação de Deus na exterioridade mundana revela-se plenamente ineficaz, uma vez que a Verdade da Vida (Deus) e a verdade do mundo são fenomenologicamente irreduzíveis entre si. No horizonte do mundo, os fenômenos são apreendidos por meio da

intencionalidade (HENRY, 2007), marcados por irrealidade e fugacidade, não se tratando da coisa em si. A manifestação de Deus, portanto, não pode ser vista nem percebida na exterioridade do mundo (no *ek-stasis*), pois a tese decisiva do cristianismo é que a Verdade da Vida é irreduzível à verdade do mundo, configurando uma expulsão recíproca.

Deus se revela no domínio da fenomenalidade pura e absoluta, um modo de revelação não intencional e invisível por natureza. Essa revelação se cumpre na Arqui-Revelação da Vida absoluta, no plano da imanência radical, anterior ao mundo. Assim, a Verdade da Vida manifesta-se na interioridade do ser humano, em sua carne viva e em sua capacidade de sentir. A manifestação de Deus ocorre por meio do afeto e do *pathos*, que constituem a matéria fenomenológica da autorrevelação e a essência da vida. A afetividade, nesse sentido, é a essência fenomenológica da Vida e a única certeza do vivente. O amor foi identificado como o gozo de si da Vida absoluta, manifestando-se como fruição e sendo constitutivo do Si (ipseidade). O acesso à Verdade da Vida não se dá pela razão nem pela observação externa, mas pela prova de si (*épreuve de soi*), isto é, pela fruição da própria vida no *pathos* — experiência originária de sofrer e fruir. Tal compreensão reafirma a condição humana como Filho da Vida (ou Nascimento Transcendental), expressão da afetividade transcendental em sua sensibilidade.

## Referências

DIMAS, Samuel. A encarnação do Deus invisível em Michel Henry. **Humanística e Teologia**, Lisboa, n. 35. v. 2, 2014, p. 80, 67-85.

HENRY, Michel. Fenomenologia não intencional: Tarefa para uma fenomenologia futura. **Phainomenon**, Lisboa, n. 13, p. 165-177, Abril de 2007.

HENRY, Michel. O que é isso a que chamamos de vida?. In: MARQUES, R. V., MANZI FILHO, R. (Orgs). **Paisagens da Fenomenologia Francesa**. Tradução Rodrigo V. Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

HENRY, Michel. **Eu sou a verdade**: por uma filosofia do cristianismo. Trad. Carlos Nougué. 1ª ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

WONDRACEK, Karin H. K. **Ser nascido na Vida**: a contribuição da fenomenologia da Vida de Michel Henry para a clínica. São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, 2010.